

Perry Anderson e Patrick Camiller

Um mapa da esquerda na Europa ocidental

Rio de Janeiro, 1996, Ed Contraponto.

José Roberto Cabrera (mestre em Ciência Política, professor da ESPM-SP e da Unip-Campinas)

O livro *Um mapa da esquerda na Europa ocidental*, organizado por Perry Anderson e Patrick Camiller originou-se de ensaios publicados na *New Left Review* por autores de diversos países, cujo objetivo comum consistiu em debater como a esquerda europeia têm enfrentado os desafios impostos pela estratégia monetarista-neoliberal nos anos oitenta/noventa e quais os limites próprios de seus projetos políticos.

Por sua natureza de coletânea e por abordar realidades histórico-políticas muito distintas, o livro não mantém um padrão único, seja teórico ou metodológico, em suas reflexões; no entanto, nos oferece um amplo espectro de realidades políticas, estratégias e alternativas, que vão, por exemplo, desde a configuração de classes numa sociedade como a norueguesa até os arranjos políticos que permitiram a transição espanhola, ou do sistema eleitoral britânico ao desgaste moral do PSI.

O livro se inicia com um balanço introdutório, escrito por Perry Anderson, onde se abordam as dificuldades que a social-democracia europeia enfrentou (e enfrenta) diante do *consenso neoliberal*, e seu grau variado de envolvimento em escândalos políticos, bem como os limites políticos, econômicos e fiscais advindos do *welfare state*. Como afirma o autor, "As sensações são passageiras. A enxurrada de escândalos que varreu a social

democracia na Europa Ocidental nos anos noventa não é necessariamente um indicador seguro de seu futuro. Mas é bastante improvável que a coincidência desses episódios nos cinco maiores Estados da União Europeia careça de significação. Eles sugerem uma crise moral mais ampla na identidade das maiores organizações da esquerda na Europa Ocidental".

Após esta introdução, o livro traz artigos sobre oito experiências mais significativas da esquerda europeia: uma exposição sobre a última fase de desenvolvimento da social-democracia no continente europeu, sua frente latina, França, Itália e Espanha; seus bastiões tradicionais, Alemanha e Grã-Bretanha; e sua "vitrine teórica", a Escandinávia (Suécia, Noruega, Dinamarca).

De uma maneira geral, ainda que sejam feitas importantes referências sobre os comunistas (particularmente nas experiências latinas), os verdes e outras matizes no espectro da esquerda partidária, as reflexões se dão em torno dos desenvolvimentos políticos e das estratégias da social-democracia.

Os *welfare states* podem sobreviver como alternativa para a social-democracia, após a avalanche neoliberal? Se não, quais as opções estratégicas capazes de diferenciá-la de outras correntes políticas? As estratégias de classe, num cenário pulverizado pelo declínio numérico da classe operária, ainda são

viáveis? Os apelos éticos e morais quanto à administração pública podem servir de consolo para a esquerda, num cenário impregnado pela onda privatista?

As opções que têm se apresentado para os grandes partidos de centro-esquerda do Ocidente europeu mostram-se reduzidas, aprisionando-os entre a tímida manutenção dos *welfare states* e a adoção de políticas de corte neoliberal.

O estudo dos partidos políticos revela aspectos fundamentais dos sistemas políticos e das relações sociais existentes nas sociedades. Em particular, o estudo sobre a esquerda revela-nos os recursos disponíveis como alternativas ao *status quo*, ao mesmo tempo que demonstra as dificuldades de transposição do constitucionalismo e da hegemonia burguesa.

Nesse aspecto o livro organizado por Anderson e Camiller destaca, em cada uma daquelas sociedades, quais são as principais dificuldades encontradas pela esquerda e quais os limites dos projetos colocados em prática e transformados, em sua essência, pela globalização e pela dinâmica do jogo democrático.

Na Europa latina, a experiência espanhola revela como o PSOE viveu um crescimento contínuo, apresentando-se como alternativa do ponto de vista democrático, mas com claras limitações sociais que marcaram a última fase do governo socialista. O artigo sobre a Itália oferece-nos importantes reflexões sobre o desenvolvimento da esquerda nos anos sessenta e setenta. Merece destaque também o PSI que, mesmo premido entre um forte PCI e a Democracia Cristã, conseguiu viabilizar-se politicamente nos anos oitenta e sucum-

bir ante a ambição de suas lideranças e à falta de um projeto alternativo. Na França, a trajetória do PSF e as idas e vindas do PCF também compõem importante quadro sobre as dificuldades da esquerda naquele país, principalmente na análise comparativa dos dois mandatos de Mitterand.

Os artigos sobre Alemanha e Grã-Bretanha trabalham numa perspectiva que, não privilegiando os caminhos da ideologia, analisa a dinâmica própria do jogo político dessas sociedades. Nesse sentido, é interessante o destaque dado ao impacto dos sistemas eleitorais sobre as bancadas parlamentares na Grã-Bretanha que, aliás, também teve repercussão negativa sobre a esquerda na Espanha, França e Itália.

Já nos países nórdicos as análises recaem, invariavelmente, sobre a origem dos *welfare states*, as estratégias para sua manutenção e os impactos sobre a estrutura de classes e as bases sociais dos partidos social-democratas.

Tal conjunto de reflexões impõe-nos pensar o Brasil e os dilemas que as organizações de esquerda têm de enfrentar. Qualquer alternativa de esquerda ao chamado "consenso neoliberal" deve, necessariamente, considerar — além da crítica à lógica perversa do mercado — os limites e as conquistas que a esquerda mundial acumulou, os perigos do jogo democrático, o constitucionalismo, a relação entre os partidos e os movimentos populares, a burocratização, as transformações no mundo do trabalho e seu impacto sobre a centralidade das classes produtoras na política.

Ainda que o livro não trate das recentes vitórias dos trabalhistas na Grã-Bretanha e dos socialistas na França, as

políticas e o pensamento neoliberal dão sinais inequívocos de desgaste, mostrando seus limites econômicos, sociais e políticos, que cobram das forças de esquerda alternativas.

Os desafios da esquerda, em seus vários matizes comprometidos com a transformação da sociedade burguesa, são imensos: compreender radicalmente as estruturas do Estado e criar um projeto alternativo que seja exequível e viável politicamente é tarefa imedia-

ta. Uma vez que *esquerda* tem um significado histórico e não geográfico, deve ela buscar criar alternativas à *melancolia democrática* que assola o Ocidente e, ao mesmo tempo, equacionar as novas questões que nos colocam a reestruturação capitalista, a globalização e o desafio ambiental neste final de século.

Recuperar a utopia, repensar o futuro e recriar a política: o *jogo está para ser jogado*.

CABRERA, José Roberto. Resenha de: ANDERSON, Perry; CAMILLER, Patrick. Um mapa da esquerda na Europa ocidental. Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 1996. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.2, 1995, p.172-174.

Palavras-chave: Esquerda europeia; Estratégia monetarista-neoliberal; Neoliberalismo, Europa.